

A História da Mão Decepada

Tradução de Filipe Kegles Kepler

Nasci em Constantinopla. Meu pai era dragomano¹ na Sublime Porta² e, além disso, possuía um comércio bastante rentável de essências aromáticas e de seda. Deu-me uma boa educação: em parte ele mesmo instruí-me, em parte mandava-me tomar aulas com um de nossos sacerdotes. Primeiramente, determinou que eu assumiria sua loja; porém, quando dei mostras de qualidades superiores às que ele esperava, determinou, aconselhado por seus amigos, que eu seria médico; porque um médico, quando sabe mais do que os costumeiros curandeiros, pode ficar rico em Constantinopla. Muitos francos vinham à nossa casa, e um deles convenceu meu pai a mandar-me para a cidade de Paris, em sua pátria, onde se pode aprender tais coisas gratuitamente e bem. Ele ofereceu-me levar de graça quando retornasse de viagem. Meu pai, que em sua juventude também viajara muito, aceitou, e o franco disse-me que me aprontasse dentro de três meses. Estava muito feliz por poder conhecer outros países.

Finalmente, o franco havia resolvido seus negócios e se preparado para a viagem. Na véspera da viagem, meu pai me levou a seu pequeno aposento. Lá vi belos trajes e armas sobre a mesa. Porém, o que mais atraiu meu olhar foi uma grande pilha de ouro, pois nunca vira tamanha quantidade. Meu pai abraçou-me e disse:

– Vê, meu filho, comprei roupas para tua viagem. Aquelas armas são tuas, as mesmas que meu avô me deu quando parti para o estrangeiro. Eu sei que sabes manejá-las, mas não as empunhes jamais, a não ser que sejas atacado – aí então, defende-te bravamente. Não tenho grandes posses: vê, eu as dividi

¹ Intérprete (N.T)

² É o nome que se dava ao Império Otomano, um estado turco que existiu entre os séculos XIII e o início do século XX. (N.T).

em três partes, uma delas é tua; uma delas é meu sustento e minha provisão; a terceira, porém, é para mim um bem sagrado e inviolável, ele há de te servir em hora de necessidade.

Assim falou meu velho pai, e tinha lágrimas nos olhos, talvez por um sentimento, pois eu nunca mais voltei a vê-lo.

A viagem transcorreu bem. Logo chegamos à terra dos francos e, após seis dias de viagem, à grande cidade de Paris. Aqui, meu amigo franco alugou-me um quarto e aconselhou-me a servir-me cuidadosamente de meu dinheiro, que contava um total de dois mil táleres. Vivi nesta cidade durante três anos e aprendi o que um bom médico precisa saber. Porém, eu estaria mentindo se dissesse que gostava de lá; pois os costumes daquele povo não me agradavam; ademais, eu tinha uns poucos bons amigos, todos jovens honrados.

A saudade de minha terra natal tornou-se, por fim, imensa; durante todo aquele tempo, não soube nada de meu pai e, por isso, quando surgiu uma boa oportunidade, aproveitei-a para voltar para casa.

Havia uma legação da Francônia que se dirigia à Sublime Porta. Alistei-me como cirurgião no cortejo da legação e consegui voltar a Istambul. Porém, encontrei a casa de meu pai trancada; os vizinhos admiraram-se quando me viram e disseram-me que meu pai morrera há dois meses. O sacerdote que me instruíra em minha juventude trouxe apenas a chave. Sozinho e desolado, me instalei na casa deserta. Encontrei tudo como meu pai havia deixado. Faltava apenas o ouro que ele prometera para mim. Perguntei ao sacerdote a respeito, e este fez uma reverência e disse:

– Seu pai morreu como um homem santo, pois legou seu ouro à igreja.

Aquilo era, e continuou sendo, incompreensível para mim. Mas o que eu podia fazer? Eu não possuía nenhuma testemunha contra o sacerdote e devia inclusive me dar por satisfeito por ele não ter visto também a casa e as mercadorias como espólio.

Esta foi a primeira desgraça que se abateu sobre mim. A partir daí, foi um golpe atrás do outro. Minha fama de médico não se espalhava, pois eu sentia vergonha de passar por um curandeiro de praça, e me faltava a recomendação de meu pai, que me teria apresentado aos homens mais ricos e nobres, que agora já não se lembravam do pobre Zaleukos. As mercadorias de meu pai também não tinham saída porque os clientes haviam se dispersado após sua morte, e os novos só seriam obtidos com o tempo. Certa vez, quando, desconsolado, considerava minha situação, lembrei-me de que entre os francos vira frequentemente homens de meu povo que viajavam pelo país e exibiam suas mercadorias nos mercados das cidades. Lembrei-me de que estas eram apreciadas por virem do estrangeiro e de que se podia ganhar cem vezes mais com este tipo de comércio. Imediatamente, tomei uma decisão. Vendi a casa paterna, dei uma parte do dinheiro a um amigo de confiança, para que o/a guardasse, e comprei com

o restante aquilo que na Francônia raramente se vê, como mantas, peças de seda, loções e óleos. Providenciei um lugar em um navio e assim iniciei minha segunda viagem a Francônia.

Tão logo deixei os palácios de Dardanelos³ para trás, a sorte pareceu voltar a sorrir para mim. Nossa viagem foi curta e tranquila. Atravessei as grandes e pequenas cidades dos francos e, por toda a parte, encontrei compradores para minhas mercadorias. Meu amigo em Istambul enviava-me constantemente novas remessas de produtos, e fui tornando-me mais e mais rico a cada dia. Quando por fim havia juntado tanto dinheiro que acreditei poder lançar-me a um empreendimento maior, parti com minhas mercadorias para a Itália. Porém, tenho de confessar algo que também me trouxe bastante dinheiro: meus conhecimentos médicos. Ao chegar em uma cidade, eu mandava distribuir anúncios dando a conhecer que ali se encontrava um médico grego que já havia curado muitas pessoas. E de fato, meu bálsamo e medicamentos trouxeram-me muitos zequins⁴.

Assim, cheguei finalmente à cidade de Florença, na Itália. Decidi permanecer por mais tempo naquela cidade, em parte porque ela muito me agradava, em parte para recuperar-me dos percalços de minhas andanças. Aluguei uma pequena loja no bairro St. Croce e, não muito longe dali, alguns belos aposentos em uma hospedaria que davam para uma sacada. Imediatamente coloquei em circulação meus anúncios, que me apresentavam como médico e comerciante. Mal abrir a minha loja, afluíram compradores e, embora meus preços fossem um tanto altos, vendi mais do que os outros, pois era atencioso e amigável para com meus clientes. Eu já havia passado alegremente quatro dias em Florença quando, certa noite, quando estava prestes a fechar a loja e apenas reexaminando como de costume as latas de pomadas, encontrei em uma pequena caixa um bilhete que não me recordava de ter colocado ali. Abri-o e deparei-me com um convite para encontrar-me, à meia-noite, na *Ponte Vecchio*. Refleti longamente a respeito de quem teria me convidado, porém, como não conhecia ninguém em Florença, pensei que talvez quisessem que eu visitasse em segredo algum doente, o que já acontecera mais de uma vez. Decidi portanto ir até lá, mas, por precaução, levei o sabre com que meu pai me presenteara.

Quando se aproximava da meia-noite, pus-me a caminho e logo cheguei à *Ponte Vecchio*. Encontrei a ponte deserta e decidi aguardar até que a pessoa que me chamou aparecesse. Era uma noite fria; a lua brilhava, e eu fiquei a olhar em direção às águas do rio Arno, que cintilavam ao longe. Os sinos das igrejas bateram as doze horas. Ergui-me, e diante de mim se achava um homem grande, envolto num manto vermelho cuja ponta ele segurava diante do rosto.

Assustei-me de início, por ele ter surgido tão repentinamente diante de mim, mas imediatamente me recompus e disse:

3 Estreito no noroeste da Turquia que liga o Mar Egeu ao Mar de Mármara (N. do T.).

4 Do ital. *zecchino*. Antiga moeda de ouro originalmente veneziana que depois veio a ser utilizada em toda a Itália e ficou em circulação dos séculos XIII ao XIX (N. do T.).

– Se o senhor me chamou até aqui, então diga o que deseja.

O manto vermelho virou-se e disse lentamente:

– Siga-me!

Fiquei receoso de ir sozinho com aquele desconhecido. Parei e disse:

– Me parece mais cabido, meu caro senhor, que me dissesse primeiro aonde vamos. O senhor também poderia me mostrar o seu rosto, para que eu conheça a natureza de suas intenções.

O homem de vermelho, porém, parecia não se importar com o que eu disse.

– Se não queres vir, então fica, Zaleukos! – respondeu ele e seguiu adiante.

Minha cólera então aumentou.

– O senhor acha, – exclamei, – que um homem como eu permite que qualquer louco faça troça dele e o deixe esperando em vão nesta noite fria?

Alcansei-o em três saltos, agarrei-o pelo manto e gritei ainda mais alto, levando a outra mão ao sabre. Mas fiquei apenas com o manto na mão, e o desconhecido desapareceu na esquina seguinte. Minha cólera foi diminuindo aos poucos; eu tinha o manto, e este haveria de oferecer a solução para aquele estranho enigma.

Vesti-o e tomei o caminho de casa. Mal me distanciara cem passos do local, alguém passou rente a mim e sussurrou na língua dos francos:

– Tome cuidado, conde, hoje à noite nada poderá ser feito.

Antes que eu pudesse me virar, este alguém já havia sumido, e vi apenas uma sombra deslizando pelas casas. Compreendi que aquele aviso se dirigiu ao manto e não a mim, porém, ele não esclareceu coisa alguma. Na manhã seguinte, ponderei sobre o que fazer. Eu estava disposto desde o início a avisar que havia encontrado o manto; porém, o desconhecido poderia mandar um terceiro retirá-lo, e assim eu não solucionaria o mistério. Enquanto refletia, examinava o manto mais de perto. Era de um veludo de Gênova pesado, de cor vermelho-púrpura, orlado com astracã e adornado ricamente com ouro. O aspecto suntuoso do manto deu-me uma ideia que resolvi pôr em prática.

Coloquei-o à venda em minha loja, mas com um preço tão alto que tive certeza de não encontrar comprador algum para ele. Meu objetivo era observar minuciosamente todos que perguntassem pelo manto, pois eu poderia identificar o desconhecido, cuja silhueta reconheceria entre milhares; pude vê-la nitidamente, mesmo que apenas de relance, após a perda do manto. Havia muitos interessados no manto, cuja beleza atraía todos os olhares, entretanto nenhum correspondia nem de longe ao desconhecido, nenhum queria pagar o preço alto de duzentos zequins por ele. Chamou-me a atenção o fato de que, ao perguntar a um ou outro interessado se haveria um manto como aquele em Florença, todos me respondessem com um sonoro “não!” e assegurassem jamais terem visto uma peça tão fina e de tanto bom gosto.

Já anoitecia quando por fim entrou um jovem que estivera muitas vezes em minha loja e que, naquele mesmo dia, fizera já muitas propostas para comprar o manto. Lançou um saco de zequins sobre a mesa e exclamou:

– Por Deus, Zaleukos! Eu preciso possuir o teu manto, mesmo que para isso me torne indigente.

Em seguida, começou a contar suas moedas de ouro. Entrei em pânico; eu havia exposto o manto somente para atrair o olhar de meu desconhecido, e agora aparecia um jovem tolo para pagar o preço exorbitante. Mas o que me restava fazer? Cedi, pois, por outro lado, não me parecia nada mal ser tão bem indenizado por minha aventura noturna. O jovem vestiu o manto e partiu; mas, na soleira da porta, voltou-se, removendo um papel preso ao manto, lançou-o em minha direção e disse:

– Zaleukos, aqui estava preso algo que provavelmente não fazia parte do manto.

Peguei o bilhete com indiferença, e eis que nele estava escrito: “Traz hoje à noite, à mesma hora, o manto até a *Ponte Vecchio*. Quatrocentos zequins aguardam por ti.

Fiquei como se tivesse sido atingido por um raio. Acabei eu mesmo desperdiçando minha sorte e arruinando completamente minha intenção! Não pensei duas vezes: juntei os duzentos zequins, corri atrás do homem que comprara o manto e disse:

– Tome de volta seus zequins, meu amigo, e devolva-me o manto, não posso entregá-lo de jeito nenhum.

Pensou, a princípio, que se tratasse de uma brincadeira, mas ao perceber que eu falava a sério, enfureceu-se com minha exigência, chamou-me de louco, e por fim chegamos às vias de fato. Tive sorte de lhe arrancar o manto durante a briga e estava prestes a sair correndo dali quando o jovem chamou a polícia e arrastou nós dois ao tribunal. O juiz admirou-se com a acusação e conferiu o manto a meu adversário. Eu, porém, ofereci ao rapaz vinte, cinquenta, oitenta, até cem zequins sobre seus duzentos, caso ele me desse o manto. O que meus pedidos não conseguiram, consegui meu ouro. Ele levou meus queridos zequins, mas saí triunfante, com o manto, e tive de suportar que toda Florença me considerasse um maníaco. Porém, a opinião das pessoas era-me indiferente; eu sabia melhor que elas que ainda saíra ganhando no negócio.

Aguardei a chegada da noite com impaciência. À mesma hora que no dia anterior, fui à *Ponte Vecchio* com o manto debaixo do braço. Com a mesma badalada, o vulto saiu de dentro da noite e veio até mim. Era inconfundivelmente o homem de ontem.

– Estás com o manto? – perguntou-me.

– Sim, senhor, – respondi, – mas custou-me cem zequins.

– Sei disso, – respondeu ele. – Veja, aqui estão quatrocentos.

Caminhou comigo até a amurada da ponte e contou as moedas de ouro. Eram quatrocentas. Reluziam magnificamente ao luar, seu brilho alegrava meu coração. Ah! mas este não imaginava que seria aquela sua última alegria!

Coloquei meu dinheiro no bolso e quis então dar uma boa olhada no rosto do bondoso desconhecido. Entretanto, ele tinha uma máscara sobre o rosto, atrás da qual olhos escuros fitavam-me assustadoramente.

– Agradeço-lhe, senhor, por sua bondade, – disse-lhe, – o que desejas agora de mim? Devo, porém, avisá-lo de antemão que não cometerei nenhuma injustiça.

– Receio desnecessário, – respondeu ele, colocando o manto sobre os ombros, – eu preciso de sua ajuda como médico, porém não para um vivo, e sim para um morto.

– Como pode? – exclamei admirado.

– Vim com minha irmã de terras distantes, – contou-me ele, enquanto acenava-me para que o seguisse. Morava aqui, com ela, na casa de um amigo da família. Minha irmã faleceu ontem subitamente de uma doença, e os parentes querem enterrá-la amanhã. Mas, conforme um antigo costume de nossa família, todos devem descansar no jazigo de seus antepassados; muitos que morreram em terras estrangeiras, entretanto, lá descansam embalsamados. A meus parentes entregarei seu corpo; mas a meu pai tenho de levar ao menos a cabeça de sua filha, para que ele a veja mais uma vez.

O costume de decepar a cabeça de um parente querido pareceu-me um tanto sinistro, mas não ousei opor-me por receio de ofender o desconhecido. Por isso, disse-lhe que podia tratar do embalsamento da falecida e pedi-lhe que me levasse até ela. No entanto, não pude conter-me e perguntei por que tudo tinha de correr às escondidas e na calada da noite. Ele me respondeu que seus parentes, que consideravam cruel sua intenção, o impediriam durante o dia. Mas uma vez que a cabeça fosse decepada, pouco poderiam fazer a respeito. Ele até poderia ter-me trazido a cabeça, mas um sentimento natural o deteve de amputá-la com as próprias mãos.

Nesse meio tempo, chegamos a uma casa grande, suntuosa. Meu companheiro mostrou-a para mim como destino de nosso passeio noturno. Passamos pelo portão principal da casa, entramos por uma portinhola, que o desconhecido fechou cuidadosamente atrás de si, e subimos, em meio à escuridão, por uma estreita escada espiral. Ela levava a um corredor esparsamente iluminado, através do qual chegamos a um quarto iluminado por um lampião preso ao teto.

Neste quarto havia uma cama, na qual jazia o cadáver. O desconhecido virou o rosto e parecia esconder as lágrimas. Ele apontou para a cama, ordenou-me que fizesse meu trabalho com rapidez e eficiência e saiu.

Desembrulhei meus instrumentos que, como médico, sempre levava comigo, e aproximei-me da cama. Do corpo, somente a cabeça estava descoberta; esta era tão bela que fui logo tomado pela mais profunda compaixão. Em longas madeixas pendia o cabelo escuro; o rosto estava pálido, os olhos, fechados. Primeiramente, fiz uma incisão na pele conforme a praxe dos médicos ao am-

putarem um membro. Então peguei minha faca mais afiada e, com um único movimento, cortei a garganta. Mas que horror! A morta abriu os olhos, mas os fechou em seguida e, com um profundo suspiro, parecia só agora expirar. No mesmo instante esguichou do ferimento um jorro quente de sangue em minha direção. Eu percebi que acabara de matar a pobre moça – não restava dúvida de que estivesse morta, uma vez que não havia salvação para um ferimento como aquele. Permaneci alguns minutos em terrível aflição pelo que acabara de acontecer. Teria o homem do manto vermelho me enganado ou teria sua irmã apenas parecido estar morta? A segunda alternativa me parecia mais provável. Porém, eu não podia dizer ao irmão da falecida que um corte menos rápido talvez a tivesse acordado sem que a matasse. Por essa razão, eu quis decepar a cabeça completamente. A moribunda, porém, gemeu novamente, esticou-se num movimento doloroso e morreu. Então fui tomado pelo terror e, tremendo, precipitei-me para fora do quarto. Lá fora, no corredor, estava escuro, pois o lampião havia se apagado. Não havia sinal de meu companheiro, e tive de andar junto à parede, tateando até chegar à escada espiral. Finalmente a encontrei e descí, meio caindo, meio escorregando. Lá embaixo também não havia ninguém. Encontrei a porta apenas entreaberta e respirei mais aliviado ao alcançar a rua, pois dentro da casa estava sentindo calafrios. Fustigado pelo horror, corri para minha casa e enterrei-me nas cobertas do leito, a fim de esquecer o ato terrível que havia cometido. Porém, o sono me abandonou, e somente a manhã, ao raiar, me exortou a que me refizesse. Era provável que o homem que me aliciara a cometer aquele ato perverso (como agora me parecia) não me denunciaria. Decidi ir direto à minha loja e, se possível, agir com naturalidade. Oh, mas uma nova circunstância, que só então eu percebia, aumentou ainda mais minha aflição. Minha touca, meu cinto e também minhas facas não estavam comigo, e eu não tinha certeza se os deixara no quarto da assassinada ou se os perdera durante minha fuga. Infelizmente, a primeira alternativa parecia ser a mais provável, e eu poderia, portanto, ser descoberto.

Abri minha loja no horário habitual. Meu vizinho veio ter comigo, como costumava fazer todas as manhãs, pois era um homem que gostava de conversar.

– E então, o que me diz da história terrível, – principiou ele, – que aconteceu ontem à noite?

Agi como se não soubesse de nada.

– Como, não sabe o que a cidade inteira está comentando? Não sabe que a mais bela flor de Florença, Bianca, a filha do governador, foi assassinada na noite passada? Oh, eu a vi ainda ontem, passeando alegremente pelas ruas com seu noivo – hoje seria o casamento.

Cada palavra de meu vizinho era, para mim, uma pontada no coração. E com que frequência se repetia meu martírio! Cada um de meus clientes contava-me o caso, um de um jeito mais horrível do que o outro, e no entanto nenhum

poderia contar nada tão horrível quanto o que eu mesmo havia presenciado. Por volta do meio-dia, entrou em minha loja um oficial de justiça e pediu para que eu afastasse as demais pessoas.

– Senhor Zaleukos, – disse ele, apresentando os objetos que eu havia perdido, – isto lhe pertence?

Fiquei pensando se não deveria negar; porém, quando vi pela porta entreaberta meu senhorio e outros conhecidos que poderiam testemunhar contra mim, decidi não piorar o caso com mais uma mentira e declarei-me dono dos objetos apresentados. O oficial pediu-me para que o acompanhasse e levou-me a um prédio grande que logo reconheci como a prisão. Lá, ele me colocou numa cela até segunda ordem.

Minha situação era de fato terrível, quando me pus a refletir sobre ela na solidão. O pensamento de haver cometido assassinato, mesmo que involuntariamente, vinha-me à mente repetidamente. Eu também não podia ignorar que o brilho do ouro atordoara meus sentidos; caso contrário, eu não teria caído tão cegamente na armadilha. Duas horas após minha detenção, fui conduzido para fora de minha cela. Descendo vários lances de escada, chegava-se então a um grande salão. Em torno de uma longa mesa guarnecida de preto, havia doze homens sentados, na maioria anciões. Nas laterais do salão alinhavam-se bancos ocupados pela aristocracia de Florença. Nas tribunas, construídas a grandes alturas, apinhavam-se os espectadores. Quando caminhei até a mesa negra, ergueu-se um homem com um semblante sombrio, melancólico. Era o governador. Ele comunicou à assembleia que, como pai, não poderia julgar o presente caso e que cederia desta vez o lugar ao senador de mais idade. Este era um ancião de ao menos noventa anos. Era curvado, e cabelos brancos cobriam-lhe as fontes; porém, um fogo ainda ardia em seu olhar e sua voz era forte e segura. Ele principiou perguntando-me se confessava o assassinato. Pedi sua atenção e contei, destemido e com voz clara, o que havia feito e o que sabia. Percebi que, durante meu relato, o governador ficava ora pálido, ora vermelho, e, quando terminei, rebentou em fúria:

- Ora, miserável! – gritou para mim – Queres agora imputar a outro o crime que tu cometeste por cobiça?

O senador repreendeu a interrupção, lembrando ao governador que ele abrisse mão espontaneamente de seu direito. Além disso, não foi provado que o crime fora cometido por cobiça, pois, conforme sua própria declaração, nada havia sido roubado da morta. Ele ainda continuou, explicando ao governador que ele deveria prestar depoimento sobre o passado de sua filha, pois apenas assim se poderia julgar se eu dissesse a verdade ou não. Em seguida, o senador encerrou a sessão, a fim de consultar, segundo anunciou, os documentos da falecida, que o governador lhe entregara. Fui conduzido de volta à minha cela, onde passei um dia horripilante, desejando ardorosamente que se descobrisse

alguma ligação entre a morta e o homem do manto vermelho. No dia seguinte, entrei cheio de esperança na sala do tribunal. Havia várias cartas sobre a mesa. O velho senador perguntou-me se aquela era minha caligrafia. Eu as examinei e vi que haviam de ter sido escritas pela mesma mão que me enviara os dois bilhetes. Comuniquei isto aos senadores, mas eles pareceram não dar importância ao fato e disseram que eu poderia e, de fato, havia de ter escrito tanto as cartas quanto os bilhetes, pois a assinatura nas cartas era indiscutivelmente um Z, a primeira letra do meu nome. As cartas continham ameaças à falecida e advertências ao casamento que ela estava prestes a celebrar.

Parecia que o governador havia fornecido ao tribunal informações a meu respeito, pois fui tratado naquele dia com uma rigidez e desconfiança maiores. Recorri em minha defesa aos meus documentos, que deveriam estar em meu quarto, porém me disseram que os procuraram e não encontraram nada. Perdi então todas as esperanças e, ao ser novamente conduzido à sala do tribunal ao terceiro dia, fui sentenciado à morte por assassinato premeditado. Aonde fui parar! Destituído de tudo o que me era mais caro no mundo, distante de minha terra natal, eu fora condenado a morrer, na flor da idade e inocente, sob um machado!

À noite daquele terrível dia que selara meu destino, eu estava sentado em minha solitária cela. Minhas esperanças estavam desfeitas, meus pensamentos voltados gravemente para a morte. Então, a porta de minha cela se abriu, e entrou um homem, que ficou a observar-me em silêncio demoradamente.

– Eis que nos encontramos novamente, Zaleukos... –, disse ele.

Não o reconheci à luz fosca do lampião, mas o som de sua voz despertou velhas lembranças em mim: era Valetty, um dos poucos amigos que eu conhecera em Paris durante meus estudos. Disse-me que viera casualmente à Florença, onde seu pai vivia como homem distinto, ouvira minha história e viera, a fim de me rever e ouvir diretamente de mim como fui parar em tal situação. Contei-lhe toda a história. Pareceu muito espantado e rogou que eu contasse tudo a ele, meu único amigo, a fim de que ele não fosse embora dali com uma mentira. Jurei-lhe por tudo o que havia de mais sagrado que falara a verdade e que não me oprimia culpa alguma senão a de ter sido/ficado/estado ofuscado pelo brilho do ouro e não ter percebido o quão inverossímil era a história do desconhecido.

– Então tu não conhecias Bianca? – perguntou ele.

Assegurei-lhe que nunca a tinha visto. Valetty contou-me então que havia um grande mistério por detrás do caso, que o governador apressara minha condenação e que surgira um boato de que eu conhecia Bianca já há muito tempo e a assassinara em vingança por seu casamento com outro. Lembrei-lhe de que tudo isso estava ligado ao homem do manto vermelho, mas que eu não possuía nada que provasse sua participação no caso. Valetty abraçou-me chorando e me prometeu que faria de tudo para salvar minha vida. Eu tinha pouca esperança.

Porém, eu sabia que Valetty era um homem sábio e versado nas leis, e que faria tudo para me salvar. Passei dois longos dias em meio a incertezas. Finalmente, Valetty apareceu.

– Eu trago consolo, ainda que este seja doloroso. Tu viverás e serás livre, mas com a perda de uma mão.

Comovido, agradei a meu amigo por salvar minha vida. Disse-me que o governador fora inflexível quanto a reabrir o caso, mas que, por fim, para que não parecesse injusto, autorizou que, se fosse encontrado um caso semelhante nos livros da história de Florença, minha pena então deveria orientar-se por aquela lá registrada. Assim, Valetty e seu pai pesquisaram dia e noite nos livros e finalmente encontraram um caso muito semelhante ao meu. Lia-se lá a seguinte pena: sua mão esquerda deve ser decepada, seus bens confiscados e ele banido para sempre. Esta seria agora também a minha pena, e eu tinha de me preparar para a hora dolorosa que me aguardava. Não quero apresentar-lhes esta pavorosa hora, em que coloquei em praça pública minha mão sobre o bloco, em que meu próprio sangue, descrevendo um largo arco, jorrou sobre mim!

Valetty acolheu-me em sua casa até eu me recuperar e proveu-me generosamente com dinheiro para a viagem, pois tudo o que eu havia adquirido com muito esforço virara presa do tribunal. Viajei de Florença para a Sicília e de lá embarquei para Constantinopla no primeiro navio que encontrei. Minhas esperanças voltavam-se para a soma que havia confiado a meu amigo; roguei-lhe também que me deixasse morar em sua casa. Porém, qual não foi minha surpresa quando este me perguntou por que eu não me instalava em minha própria casa? Disse-me que um estrangeiro havia comprado em meu nome uma casa no bairro dos gregos e que este também havia dito aos vizinhos que eu mesmo viria em breve. Segui imediatamente para lá com meu amigo e fui recebido alegremente por meus conhecidos. Um velho comerciante entregou-me uma carta deixada pelo homem que havia realizado a compra em meu nome. Li: “Zaleukos! Duas mãos estão dispostas a trabalhar incansavelmente, a fim de que não sintas a perda de uma das tuas. A casa que vês e tudo o que ali há é teu, e todos os anos hás de enriquecer tanto que pertencerás aos ricos de teu povo. Que tu possas perdoar aquele que é mais infeliz que tu.”

Eu podia imaginar quem teria escrito a carta, e o comerciante disse, em resposta a minha pergunta que teria sido um homem que tomou por um franco, vestido com um manto vermelho. Eu sabia o suficiente para confessar a mim mesmo que o desconhecido não era completamente desprovido de honra. Em minha nova casa, encontrei tudo do bom e do melhor, inclusive uma loja com mercadorias magníficas, como jamais vi. Desde então, passaram-se dez anos. Mais por hábito do que necessidade, continuei com minhas viagens comerciais, porém nunca mais voltei a ver a terra onde fui tão infeliz. Desde aquele dia, recebi mil moedas de ouro a cada ano. No entanto, ainda que me alegre saber

que aquele infeliz é honrado, ele não há de quitar o sofrimento de minha alma, pois eternamente vive em mim a terrível imagem de Bianca assassinada.

*

Zaleukos, o comerciante grego, havia terminado sua história. Todos escutaram-no com grande atenção, e o forasteiro parecia especialmente comovido com o relato. Algumas vezes chegou a suspirar profundamente, e para Muley pareceu até mesmo que ele tinha lágrimas nos olhos. Eles conversaram ainda um longo tempo sobre esta história.

– E você não odeia o desconhecido que tão desdenhosamente tomou-lhe um membro tão valioso, que até mesmo pôs sua vida em perigo? – perguntou o forasteiro.

– No passado, certamente houve horas – respondeu o grego, – em que meu coração o acusava diante de Deus por haver trazido este sofrimento sobre mim e envenenado minha vida. Mas encontrei consolo na fé de meus antepassados, e estes me ordenam a amar meus inimigos. Afinal, ele deve ser ainda mais infeliz do que eu.

– Você é um homem de honra! – exclamou o forasteiro, e apertou comovido a mão do grego.

O chefe da guarda interrompeu, porém, a conversa. Entrou na tenda com uma expressão conturbada e comunicou que não deveriam baixar a guarda, pois ali era o lugar onde normalmente eram atacadas as caravanas. Seus guardas, além disso, acreditavam ter visto vários cavaleiros à distância.

Os comerciantes ficaram aflitos com esta notícia. No entanto, Selim, o forasteiro, admirou-se da preocupação dos companheiros, pois achava que estavam tão bem protegidos que não teriam por que temer um bando de ladrões árabes.

– Sim, senhor! – respondeu-lhe o chefe da guarda. – Se fosse penas um mero bando, poderíamos descansar tranquilamente. Porém, já há algum tempo o terrível Orbasan voltou a dar as caras, e isso significa que temos de ficar atentos.

O forasteiro perguntou quem era Orbasan, e Achmet, o velho comerciante, respondeu:

– Entre o povo há todo o tipo de lenda sobre este homem extraordinário. Uns o consideram uma pessoa superior por seguidamente resistir em batalha com apenas cinco ou seis homens; outros o têm por um franco corajoso, a quem o infortúnio trouxe para esta região. De tudo isso, só se sabe que ele é um perverso assassino e ladrão.

– Isto você não pode afirmar, – respondeu-lhe Lezah, um dos comerciantes. – Ainda que seja um ladrão, ele é também um homem honrado, portou-se como tal diante de meu irmão, como eu poderia lhe contar. Transformou todos de sua estirpe em pessoas justas, e, enquanto ele correr o deserto, nenhuma bando ousará alçar-se. Ele também não rouba como os outros; recolhe das caravanas apenas uma quantia em troca de proteção. E aquele que lhe paga voluntariamente pode prosseguir a salvo. Orbasan é o senhor do deserto.

Assim, os viajantes conversavam entre si na tenda. Porém, os guardas, posicionados em torno do acampamento começaram a ficar inquietos. Meia hora antes, um número considerável de cavaleiros armados surgira ao longe, e parecia vir em direção ao acampamento. Um dos homens da guarda entrou na tenda a fim de anunciar que eles provavelmente seriam atacados. Os comerciantes discutiram entre si a respeito do que fazer: ir de encontro a eles ou esperar o ataque. Achmet e os dois comerciantes de mais idade preferiam a segunda alternativa; o exaltado Muley e Zaleukos exigiam a primeira e pediram apoio ao forasteiro. Este tirou calmamente de seu cinto um pequeno lenço azul com estrelas vermelhas, amarrou-o em uma lança e ordenou a um dos escravos que a prendesse à tenda. Ele estava penhorando a própria vida, dizia ele, e os cavaleiros passariam ao largo quando vissem aquele sinal. Muley não acreditava no sucesso da empreitada; o escravo, porém, prendeu a lança à tenda. Nesse meio tempo, todos que estavam no acampamento haviam pegado em armas e ficaram a observar, em tensa expectativa, os cavaleiros. Estes, no entanto, pareciam ter visto o sinal sobre a tenda, pois desviaram subitamente da direção do acampamento, fazendo uma longa volta.

Os viajantes permaneceram estupefatos por alguns instantes e olhavam, ora para os cavaleiros, ora para o estranho. Este permanecia indiferente, como se nada tivesse acontecido; parado diante da tenda, olhava ao longe. Por fim, Muley quebrou o silêncio:

– Quem és tu, poderoso forasteiro, – exclamou ele, – que subjugas as hordas do deserto com um mero sinal?

– Vocês enaltecem minha arte mais do que ela merece, – respondeu Selim Baruch – Eu me armei com este sinal quando fugi da prisão, eu mesmo não sei o que significa. Sei apenas que aquele que cavalga com este sinal encontra-se sob poderosa proteção.

Os comerciantes agradeceram ao estranho e nomearam-no seu salvador. De fato, a quantidade de cavaleiros era tal que a caravana não teria sido capaz de oferecer resistência por muito tempo.

Com o coração mais leve, eles agora descansavam e, quando o sol começou a baixar e o vento noturno cortou a planície de areia, eles levantaram acampamento e seguiram viagem.

No dia seguinte acamparam a uma distância de aproximadamente um dia do fim do deserto. Quando os viajantes reuniram-se novamente na grande tenda, Lezah, o comerciante, tomou a palavra:

– Ontem eu lhes disse que o temível Orbasan era um homem honrado. Permitam-me que hoje eu o comprove com a história do destino de meu irmão.

Meu pai era cádi⁵ em Acara⁶. Ele tinha três filhos. Eu era o mais velho, meu irmão e minha irmã eram bem mais jovens do que eu. Quando eu tinha vinte anos, um irmão de meu pai chamou-me para morar com ele. Ele me nomeou herdeiro de seus bens, sob a condição de que eu ficasse a seu lado até a sua morte. Porém, ele alcançou uma idade avançada, de modo que apenas há dois anos pude regressar a minha terra natal, sem nada saber do terrível destino que nesse meio tempo atingira minha casa e de quão generosamente Alá a socorreu.

5 Juiz muçulmano (N.do T.)

6 Região do Império Otomano, atualmente conhecida como Adjara, uma república autônoma da Geórgia. (N.do T.)